



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

APANHADO TAQUIGRÁFICO DA 1ª SESSÃO LEGISLATIVA, DA
19ª LEGISLATURA, DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE,
REALIZADA EM 19 DE MARÇO DE 2025.

ATA DA 7ª SESSÃO SOLENE
Assunto: Entrega de Título de Cidadania Campinense ao
Escritor Efigênio Moura

REVISORA



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

EQUIPE TAQUIGRÁFICA:

Allyson Soares – Matrícula nº 2583

Amanda Mamede – Matrícula nº 152126

Renally Martins – Matrícula nº 152117

Tiago Ferreira – Matrícula nº 152322



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: Em nome de Deus, declaro aberta a presente sessão, indicando o Vereador Olimpio Oliveira para a leitura do texto bíblico e convidando o Vereador Wellington Cobra para que venha assumir aqui a secretaria.

O SR VEREADOR OLIMPIO OLIVEIRA: Boa noite a todos. “Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo”. Está no livro de Salmos, capítulo 51, versículo 11.

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: Obrigado, Vereador. Inicialmente, dar as boas-vindas a todos que se fazem presente nessa sessão de hoje, dizendo que todos se sintam em Casa, até porque aqui é a casa do povo, não é? Então, essa Casa é a Casa de vocês. E, nesse momento, nós iremos compor a mesa. Queremos convidar para compor a mesa a senhora Paula Moura, esposa do homenageado. Gostaríamos de convidar o senhor Eugênio Moura, irmão do homenageado e representante da UEPB para também compor a mesa. Convidamos ainda para compor a mesa o senhor Thélío Farias, advogado e presidente da Academia de Letras de Campina Grande. Convidamos ainda o senhor Fred Ozanan, representando a Associação dos Colunistas nesse ato... Cartunistas, perdão. Cartunistas, perdão, Fred. Eu convido o Vereador autor da propositura, Olimpio Oliveira e o Vereador Cobra, para que possa conduzir o homenageado até a mesa. E eu convido, nesse instante, o senhor escritor Efigênio Moura, o homenageado. Passo a palavra ao secretário da mesa pra convidar para o plenário os familiares de homenageados e autoridades aqui presentes.

O SR SECRETÁRIO WELLINGTON COBRA: Muito boa noite a todos. Gostaria de convidar nesse momento os familiares, o jovem senhor Diego Medeiros, filho do homenageado. Gostaria também de convidar o jovem Theo Medeiros Moura, filho do homenageado também. O senhor Roniere Leite Soares, representante do Instituto Histórico de Campina Grande. A senhora Nágila da Silva, representante da Escola CEAI Dr. João Pessoa de Assis, João Pereira de Assis, perdão. A senhora Carla Teide, idealizadora da Feira Literária de Campina Grande. Gostaríamos ainda de convidar a senhora Yasmin Mendes, idealizadora da Feira Literária de Campina Grande. Convidamos ainda o senhor Andrew Targino, filho de Fred Ozanan. Convidamos a senhora Maria Aparecida Pinto, escritora. Convidamos ainda a senhora Mirtes Supino, membro da Academia de Letras de Campina Grande. Convidamos o senhor José Rodrigues, membro da Academia de Letras... Perdão, José Edmilson Rodrigues. O senhor Tarcísio Bruno Luna Andrade, membro da Academia de Letras de Campina Grande. O senhor Katiano Aureliano, amigo do homenageado. Convidamos o casal Mardoní Rodrigues e Kaliane Queiroz, amigos do homenageado. Convidamos o senhor Eli Moraes, convidado. Convidamos o senhor Marçal Targino, convidado. E convidamos ainda o senhor Hugo José Júnior, Capelão Geral Municipal do IVCS. Aproveitamos a oportunidade para ler as justificativas de ausência. “Através desta comunicamos... desta comunicar a impossibilidade da Vereadora Jô Oliveira do PCdoB participar da sessão solene de entrega de



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

título de cidadania campinense acima em virtude de outros compromissos previamente agendados. Pedimos a compreensão dos nobres vereadores e vereadoras. Na mais breve oportunidade ela estará prestando o esclarecimento que os senhores julgarem necessário.” “Comunicamos através deste gabinete que a Vereadora Valéria Silva Aragão não poderá comparecer na sessão solene nesta data 19 de março de 2025, pois a mesma participará de um compromisso previamente agendado.” E a justificativa de ausência de Waléria Assunção, da Vereadora Waléria Assunção, que “através do seu gabinete informa que por meio desta vem justificar a ausência da Vereadora Waléria Assunção por motivo de compromisso marcado anteriormente a sessão solene de entrega de título de cidadania campinense ao senhor Efigênio Moura, de Aatoria do Vereador Olimpio Oliveira, que será realizado neste dia 19 de março de 2025, às 19h.”

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: Convidamos a todos a se colocarem de pé para a execução do Hino Nacional e Hino de Campina Grande [*execução de hinos*]. Esta sessão tem por finalidade atender a propositura da autoria do Vereador Olimpio Oliveira, aprovada por unanimidade nesta Casa, a entrega do título de cidadania campinense ao escritor Efigênio Moura. Lembrando que até ontem, Vereador Olimpio Oliveira, nós participávamos aqui de um momento semelhante, e eu dizia ao homenageado, como é tão honroso você participar de um momento como esse, receber o título, principalmente porque o símbolo, aquilo que ela representa, é muito bonito. E para você guardar na sua estante, eu só queria não ter nascido em Campina, para receber e ter na minha Casa esse símbolo da nossa cidade. Então, nesse instante, eu passo a palavra ao autor, o Vereador Olimpio Oliveira, para que ele possa trazer as suas justificativas. Parabenizando, enquanto o Vereador se dirige até a tribuna, parabenizando o Vereador Olimpio Oliveira. Vereador que tem sido destaque aqui nessa Casa, de compromisso com a cidade de Campina Grande, e que sempre tem pautado aqui nessa Casa as demandas da nossa cidade, como também tem reconhecido as pessoas importantes que desempenham um papel na nossa cidade. Então, Vereador, em nome da mesa diretora, nós queremos parabenizar a Vossa Excelência.

O SR VEREADOR OLIMPIO OLIVEIRA: Boa noite a todos. Inicialmente, os cumprimentos à senhora Paula Moura, a esposa do homenageado. Estamos no mês da mulher, todos os dias, todos os meses, são meses em que a gente deve reverenciar as mulheres, não é, Katiane? Mas, na tradição mundial, nós temos essa oportunidade de um mês dedicado às mulheres guerreiras. Cumprimento de igual modo o nosso amigo, professor, advogado, doutor Thélío Farias, que eu tenho a vaidade de ser amigo há muito tempo. Não é que eu estou emocionado, rapaz? Eita, gota! Campina Grande, nesta noite, risca da caderneta de fiado uma dívida com um cidadão que já fez um apurado de contos. Feliz a cidade, que reverencia um semeador de livros, cuja semente viçosa, germinada nos baixios, nas terras férteis do nosso Cariri, se esparramam pela Paraíba,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

pelo Brasil e, daqui a pouco, pelo mundo. É uma noite de festa, é uma noite de emoção, uma noite intimista. Não conhecia Efigênio Moura pessoalmente, conhecia das suas obras. Mas, pelas mãos de Fred Ozanan, que nos deu a sugestão, que foi de pronto acolhida, nós estamos aqui, na noite de hoje, nesta Casa de fazer leis, fazendo muita justiça à caminhada de um cidadão que tem dedicado os melhores anos da sua vida, não só para escrever belíssimas obras, mas para preservar a nossa cultura, os nossos costumes, os nossos fazeres, os nossos saberes, o nosso jeito de ser caririzeiro. Eu que nasci no distrito de Santo André, na época que era vinculada à cidade de Gurjão. E, quem conhece Gurjão e conhece Santo André, por favor, não me entenda como que eu nasci no Badalo. Katiane sabe, a tradição do Badalo. Se diz assim, com muita maldade, que o Badalo é o maior produtor de doido da Paraíba. Mas eu nasci no Sítio Lagoa. E já que a gente está falando de doido, me lembrei de Ariano Suassuna, que tinha um apreço especial pelos doidos. Ele fazia questão de dizer isso, e eu tenho um apreço especial por contadores de história. Efigênio, ele cumpre bem essa missão nas suas obras. Qualquer livro de Efigênio, você faz uma viagem pelos recantos, pelas entranhas do nosso Cariri. Se ler uma obra, eu, particularmente, lendo qualquer livro de Efigênio, eu vejo os meus tios, as minhas tias, com aquele dialeto que muitas vezes não dá para a gente entender. E lá no meu Cariri, doutor Thélío, se fala cantando. Quem tem mais de 70, 80, 90 anos, poxa, 90, tem muita gente lá ainda com 90 anos. Meu avô mesmo morreu com 104 anos e 9 meses. E eu dizia, não deixou um inimigo. Quem se espantava e dizia, que homem bom, que homem decente, se não morreram todos antes dele, não tiveram uma vida tão longeva. Mas o linguajar do povo lá do meu cariri é aquele linguajar que muitas vezes está fazendo uma cantilena. E aquele jeito de falar, aquele sotaque bem próprio do caririzeiro, Efigênio captou isso muito bem para imortalizar nas suas obras. É muito mais que escrever, repito, bons livros. É você prestar um relevante serviço para a preservação desse jeito de ser, de fazer e de falar, Aparecida Pinto, isso não tem preço. E não tem homenagem que pague isso. E, na noite de hoje, eu estou como quem? Estar homenageando, mas, na verdade, ao entregar o título de cidadania campinense a Efigênio Moura daqui a pouco, na verdade, quem está sendo homenageado é o Vereador Olimpio Oliveira. Porque Efigênio Moura, ele... ele ainda nem começou a projeção que ele vai alcançar no cenário das letras desse país. Pela qualidade da sua obra, pela relevância do seu trabalho. Está só começando. E olha que ele já tem uma caminhada de quase 20 obras, sem falar em outras produções. Então, Efigênio, tenha certeza de que quem está propiciando esse momento na noite de hoje está tendo a honra de ser homenageado também. Não só pela deferência de Fred Ozanan de ter passado essa sugestão para o Vereador Olimpio Oliveira, mas, sobretudo, e muito mais, por você ter aceito que o Vereador Olimpio Oliveira apresentasse este projeto de título de cidadania, que acontece num dia muito especial para Efigênio. Afinal de contas, ele está aniversariando hoje. O presente, quem está recebendo mais uma pedra preciosa para a sua coroa, é a Rainha da Borborema. Muito bem. *[toque musical]* Finalizando, agradeço por demais a presença de todos vocês, que abrilhantam esse momento, as pessoas ligadas à cultura de Campina Grande, porque, na verdade, na noite de



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

hoje, nós estamos vivenciando um momento importante e histórico nesta Casa. Esta Casa receber alguém com a estatura intelectual de Efigênio Moura, e deixar gravada nas suas atas para a posteridade que esta Casa, um dia, abriu as suas portas para recepcionar e homenagear um homem das letras que semeia livros das escolas da Paraíba e do Brasil transformando mentes e corações. Realmente, é uma noite para ficar gravada na nossa história. Meu muito obrigado.

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: Convido a assessoria parlamentar pra conduzir e posicionar o homenageado aqui na frente da mesa, e convido o Vereador Olimpio Oliveira para a entrega do título de cidadania campinense ao homenageado. [*entrega do título*] Neste instante, na ausência do Vereador Saulo Germano, presidente desta Casa, o pai dele foi morar com Jesus, e, por essa razão, ele está em casa, ainda se recuperando da ausência do ex-vereador também, Severino Germano, desta Casa, e, por essa razão, o Vereador Saulo Germano não pôde se fazer presente. Ligou para mim, Vereador Olimpio, deve ter ligado para a Vossa Excelência também, para justificar a sua ausência. Passaremos agora a palavra ao senhor Thélío Farias, advogado e presidente da Academia de Letras de Campina Grande, para fazer uso da fala, o uso da tribuna, assim como desejar.

O SR CONVIDADO THÉLIO FARIAS (ADVOGADO E PRESIDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DE CAMPINA GRANDE): Boa noite. Excelentíssimo Senhor Presidente, Vereador Luciano, o homenageado Efigênio, na pessoa de quem saúdo todos os presentes, e, em nome da Academia de Letras de Campina Grande, quero dizer que é uma enorme felicidade aqui estar. Guimarães Rosa falava que o sertão é dentro da gente. No caso de Efigênio, o Nordeste é dentro dele. Ele carrega o Nordeste desde que nasceu, neto do poeta Efigênio Malaguano, que nasceu em uma terra de poesia, Monteiro é a terra de Jansa e filho de grandes poetas, de grandes trovadores e repentistas. E, após andar na Paraíba e registrar a Paraíba, por onde andou com Eita Gota, com Santana do Congo, com Cícero e Luzia, com Apurado de Contos e tantos outros livros, Efigênio desemboca em Campina e é recebido também com poesia, porque Campina também tem uma grande tradição poética, com Ronaldo Cunha Lima, com Raimundo Asfora, com grandes nomes de ontem e de hoje, José Edmilson, Mirtes Sulpino, e, quero registrar, o próprio Efigênio. Efigênio faz a poesia com o linguajar do povo, escreve aquilo que o povo fala. Ele consegue colocar no papel, como disse o Vereador Olimpio, o que o caririzeiro, o homem do interior, canta e, cantando, fala. Então, quando Efigênio escreve, ele escreve sobre nós, sobre o nosso povo, sobre nosso Nordeste. E posso dizer que, parafraseando aquela frase de Guimarães, a Paraíba está dentro de nós e está dentro de Efigênio, não só nos seus livros, está em Efigênio quando ele foi homenageado na Feira Literária de Boqueirão, na FLIBO, coordenada por Mirtes, está em Efigênio quando ele vai às escolas públicas do município, do estado, de Campina, de outras cidades, conversar sobre livro, falar do linguajar do povo. Existia um escritor mexicano chamado Juan Rulfo, é um escritor não muito famoso. Um aprendiz dele, um outro escritor que aprendeu com



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

ele, este, sim, era muito famoso, se chamava Gabriel García Márquez. E Juan Rulfo dizia que o mais difícil é escrever da forma que se fala. Efigênio escreve da forma que se fala, da forma que o povo fala, que talvez seja a forma mais autêntica, mais verdadeira de se falar, e mais difícil, difícilíssima, de se escrever. Então, esta Casa, que é a Casa do Povo de Campina, acerta ao acolher, ao oficializar o que, pelo decurso do tempo, Efigênio já é, já se sente que é um homem de Campina, e que também escreveu sobre Campina. No seu romance Beijo de Pestana, ele narra as aventuras ocorridas no bairro do José Pinheiro, na Cachoeira, e as ruas de Campina desembocam no seu livro, em outros livros de Efigênio e, principalmente, no dia a dia de Efigênio, que é um apaixonado por Campina Grande. O grande orador, o antigo orador, o Padre Antônio Vieira, dizia que o filho natural se ama porque é filho, e o filho adotivo, por sua vez, é filho porque se ama. Campina diz isso a Efigênio, Campina ama todos os filhos que nela nascem, mas hoje Campina tá dizendo que ama e adota Efigênio como o seu mais novo filho. Parabéns, Efigênio. Duplamente, pelos seus 60 anos de amor a Campina, de amor ao Nordeste e de escrita genial. Meus parabéns!

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: Passamos a palavra ao Vereador Sargento Wellington Cobra. Se alguém ainda quiser fazer uso da palavra, tá aberto, algum familiar, é só se inscrever.

O SR VEREADOR SARGENTO WELLINGTON COBRA: Muito boa noite a todos. Esse é um momento de alegria, tô vendo vocês muito calados. Pode se alegrar, porque é um momento de dupla alegria, na verdade, quando a gente tem aqui a oportunidade de comemorar, na Casa de Félix Araújo, o aniversário e homenagear o nosso escritor. Então, isso nos alegra duplamente. Antes de mais nada, eu gostaria de saudar a Mesa, a senhora Paula Moura, tá ali, esposa do homenageado, o senhor Fred Ozanan, que eu já tive a satisfação de conhecer aqui na Casa de Félix Araújo, o Doutor Thélío, o nosso José Eugênio de Moura, está ali conosco também, e o nosso homenageado, o nosso escritor, Efigênio Moura. Já conheço outras pessoas aqui, que nos encontramos aí na vida do trabalho, o senhor José Edmilson Rodrigues e o senhor Tarcísio Bruno Luna, já nos encontramos aí quando na labuta do serviço da Polícia Militar, da Segurança Pública aqui em Campina Grande, e muito nos honra ter vocês conosco. Parabenizar, além do nosso homenageado, também o nosso Vereador, Doutor Olimpio, pela grandeza e pelo respeito à cultura, o respeito àqueles que contribuem para o letramento da nossa sociedade. Estamos em tempos que é raro a gente ver e perceber que... dar a importância devida ao letramento, às pessoas que escrevem e eternizam através das suas escritas. Hoje, é tudo muito efêmero. Hoje, uma grande obra postada em uma rede social, ela tem muito menos, digamos assim, valia, menos curtidas, menos *likes*, do que uma dancinha do *TikTok*. Então, iremos procurar resgatar e trazer e adotar como filho, assim como fazemos nessa noite, através da propositura do Doutor Olimpio, com o escritor Efigênio Moura, pois isso muito nos orgulha. É mais uma pedra pra coroa da Rainha



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

da Borborema ter um filho de tal grandeza, um filho que contribui para a cultura, contribui para a nossa história. E quando o Doutor falava agora sobre a sua escrita no bairro do José Pinheiro, o bairro do José Pinheiro que é o segundo bairro mais antigo de Campina Grande, sua fundação aqui no centro de Campina, e depois o bairro do José Pinheiro. E Campina Grande tem muitas histórias pra contar, tem muitas histórias a serem contadas, é um celeiro também de escritores, de bons autores, e o homenageado ele chega pra somar com a nossa cidade, isso muito nos alegra. Eu... a cada homenagem que a gente vem aqui, na Câmara de Vereadores, é um sentimento novo, é um sentimento que nos alegra, porque... esses dias participamos de algumas sessões, ainda ontem, homenageávamos alguém, o senhor Muçã, o Rodrigo Vieira, pela sua contribuição à cultura, por levar alegria. E, de igual modo, assim como nós nos alegamos na noite de ontem, nós nos alegamos hoje pela presença de todos vocês e pela felicidade de termos como filho de Campina Grande o senhor Efigênio Moura. Meus parabéns. Parabéns a todos. Muito obrigado por terem vindo. Deixo aqui o meu forte abraço. Contem sempre com esse amigo aqui e com a Casa de Félix Araújo. Forte abraço a todos e uma boa noite.

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: Gostaríamos de convidar pra fazer uso da fala a senhora Maria Aparecida Pinto, escritora. Tanto pode usar a Tribuna como pode ficar à vontade, se quiser.

A SRA CONVIDADA MARIA APARECIDA PINTO (ESCRITORA): Boa noite. Excelentíssimo Senhor Presidente desta Câmara, autoridades que compõem a Mesa, mais uma vez, Olimpio Oliveira, você enriquece a nós, por que não dizer, você traz para nossos corações o que há de mais nobre, respeitabilidade à arte e à cultura. Efigênio, a sua obra literária, eu não a li, eu irei lê-la atentamente para me enriquecer mais literariamente. O meu grande amigo Fred Ozanan, este sim, faz com que eu lembre cada vez mais que ele bem representa a nossa arte, não somente aqui em Campina Grande, mas em diversas partes do país e do mundo afora. Mas, Efigênio, cultura é assim, é folhear o livro e saber que, através do silêncio das letras, alguém vai nos entender. Efigênio, você não está pequeno, você está maior ao receber o Título de Cidadão Campinense. Campina não se engrandece, Campina se envaidece ainda mais tê-lo como filho. A literatura brasileira, de certo que, está enriquecida com suas obras, e nós, o que poderíamos dizer, Ozanan? Nós estamos ainda mais orgulhosos, sabe por quê, amigos, amigas? Porque escrever é transmitir para alguém segredos da alma através do silêncio. Escrever é contar os nossos segredos através dos nossos pensamentos, que podem ser entendidos ou não entendidos. Mas o tempo é célere, todavia, ele arquiva na memória do espaço cósmico o que pensamos, o que lembramos, o que haveremos de fazer. Nada se é passado quando tudo se faz história. E você, Efigênio, nesta noite, você é a nossa história. O tempo nada apaga, ao contrário, faz com que nós possamos entender que nos limitamos ao mesmo, todavia, nos limitamos ao imaginário. Literariamente sim, Efigênio. Você, como escritor, eu, como escritora, Mirtes, devo



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

dizer que muitas vezes, meu querido músico, somos incompreendidos, mas não importa, o que importa é que nós sabemos escrever os nossos nomes nos corações de quem nos entende muito bem. Vinícius. Você, Vinícius, você não foge à retina dos meus olhos, porque você já está guardado na lembrança da minha memória. Então, aqui, Thélío, Thélío Farias, Sargento Wellington e demais pessoas, não quero me perder no percurso das minhas ideias, nem tampouco no labirinto dos meus pensamentos, quero, sim, dizer que esta Tribuna é sagrada, as minhas palavras podem não encantar a ninguém, mas o momento me encanta, para que eu possa dizer que a Casa de Félix Araújo é, sim, nada mais um batismo para a arte e a cultura paraibana. A Casa de Félix Araújo não só se debate política partidária, não. A Casa de Félix Araújo, sim, acolhe a arte como se fosse uma divindade. A Casa de Félix Araújo, sim, faz com que possamos entender que, além da arte, existe em nós o reconhecimento e o dever de entender que o sentimento artístico, poético, literário se refaz quando nós pensamos que a vida nada mais é do que um presente de Deus e a nossa imaginação nada mais é, senhores e senhoras, do que simplesmente uma bênção celestial sobre nós que escrevemos, e como Ozanan, um grande cartunista que assim é, como um grande músico... me perdoe, eu já estou quase que esquecendo o seu nome. Posso esquecer o seu nome, mas jamais esquecerei os seus atos. Portanto, de algo é certo. Vivamos essa noite, vivamos e cantemos a glória [*inaudível*], cantemos a glória do seu aniversário. Você não nasceu ontem, você nasce agora nos nossos corações. Você não nasceu para hoje, você sempre nascerá em cada manhã. Queira Deus, meu querido escritor, que, no futuro tão breve, poderei eu, Maria Aparecida Pinto, vê-lo também receber de suas mãos novas obras literárias. Vivamos, vivamos, vivamos. Parabéns, parabéns. Efigênio, você nos encanta com seu encanto. Obrigada.

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: Passamos a palavra ao homenageado da noite para que ele possa fazer seus agradecimentos.

O SR CONVIDADO ESCRITOR EFIGÊNIO MOURA (HOMENAGEADO): Louvado seja o nosso Senhor Jesus Cristo. Excelentíssimo senhor Presidente desta Sessão Solene, Vereador Luciano Breno, Excelentíssimo senhor Secretário, Sargento Wellington, Excelentíssimo senhor representante da Associação dos Cartunistas do Brasil, compadre Fred Ozanan, Excelentíssimo senhor Presidente da Academia de Letras de Campina Grande, confrade Thélío Farias, minha família aqui presente, meus amigos, senhoras e senhores, boa noite. Agora é uma noite em que minha alma se sente enfeitada, é o momento que vem acontecendo desde quando me foi dada a notícia de que estaríamos aqui juntos, nos vivendo, nos reconhecendo, tratando de gente comum, de nomes tão próprios quanto a própria vida. Os nomes próprios, Vereador Olímpio, eles servem pra dar pujança, pra dar sentido, às vezes, feição, às vezes, destino. Toda Luzia tem cara de Luzia, todo Ciço tem cara de Ciço. Hoje é uma noite repleta de nomes próprios. Os primeiros que trago no bisaco são os mesmos, José. José que, por serem iguais, carecem de outro nome encangado. José,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

o santo, o que me deu o nome e que despeja no nosso semiárido o aguaceiro que cada um tem de ter, e aqui eu reafirmo a minha devoção. Outro José, o Maria, oriundo das serras alagoanas e que me falou da poesia de seu pai, e que, por ser meu pai, achava que eu, por ter o nome do pai dele, também fosse poema. Poema não fui, prosa eu sou. Outro José, e como diz o José, o do currulepes, era uma vez, não existe. Agradeço aos três, e que o grande arquiteto do universo esteja de butuca em riba deles, pro ver de continuar cumprindo os planos do Senhor. Amigos, a literatura que escrevo é que nem uma parêa de caçuá, que balança na cadência do jegue, fazendo a sua própria cantiga ritmar o que sai da boca do puxador do jegue, um humano. Dentro de cada caçuá, arrojado com cipó de rego, chacoalha-se letras, sonhos, xexéus, braúnas e bribas. Chacoalha-se a realidade. A realidade de querer ser além de caçuá e de pular dos quartos do jegue. É preciso que tiremos, que tiremos dos caçuás as letras, cantigas, onomatopeias, versos e rimas dançantes que vêm de dentro de nós, da terra da gente que criou seixos e carrascais, e que um dia aguou as oitica e deu de beber as casacas de couro, e que um dia molhou a casa desse mesmo passarinho. Convido-os a refletir, senhores desta Casa, o que se vem fazendo em nossa Academia de Letras que tanto orgulho em servi-la, em nossa Feira Literária Internacional de Campina Grande, que sai daqui espalhando com a gota serena o que temos de contações e invenções literárias. Em nossas escolas, os nossos professores que fazem com que os nossos alunos bebam dessa água que nasceu primeiro em um 19 de março. Hoje é um dia pra garantir um futuro de letras e palavras campinenses. Fazer o que faz o Vereador Olimpico, defendendo a cultura local e o futuro de letras campinenses e caririzeiras, e palavras que são nossas e que vivem arengando com o progresso e que as tínhamos deixado em riba da prateleira, detrás do pote de arroz, e gênios como Manoel Monteiro, Zé Maria Branco e Stélio Mendes espalharam com tanta facilidade. Eu gosto de citar a que me pertenco. Em nossos livros, Fred, mais de vocês do que os meus, os pormenores que são esquecidos nas grandes editoras se tornaram gigantes dentro do meu universo. Em Apurado de Contos, que contam coisas que deviam ser de verdade em vários lugares campinenses, um cangaceiro, Pedro Jeremias, que carrega o nome de um bairro por mais de mil páginas. Cidades 2, um bairro que serviu de morada para uma história de amor e resistência. E um campo de futebol, que me entala toda vez que o Campinense joga lá. Quer dizer, jogava. Por falar em bairro, no livro Beijo de Pestana tem uma descrição: “ZEPA: abreviatura do bairro Zé Pinheiro, zona leste de Campina Grande, cidade com porte de capital. Dona de braços volumosos que abraçam com aconchego tantos chegantes e ficantes, terra de tropeiros nacionais e estrangeiros. Um verdadeiro... Um verdadeiro e doce lar, uma ama de leite, cidade deitada nua no Planalto da Borborema, amor das vidas se criaram a partir do seu abraço”. Beijo de Pestana é o meu livro mais campinense, não raposeiro, apesar da intenção de sê-lo. Ele retrata a Campina dos anos 74, da favela Cachoeira, do meu Zé Pinheiro querido. Dentro do livro, a amiga de Fabrício, uma das artistas do enredo, eu pergunto a ela “e tu não vai aceitar o asfalto, não?” e ela responde “vivo lá, mas o asfalto queima no sol, escorrega na chuva. Melhor é o Zepa. Aqui tem de tudo o que nosso Senhor São José nos proteja. Aceito para trabalhar o asfalto e só.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

No Zepa tem tudo o que me agrada. E lhe digo, só vai pra a Campina Grande quem carece muito”. Era uma disputa social, uma coisa que ainda temos muito em nossa cidade, Senhores Vereadores. Uma cutucada no preconceito e nos padrões, como cita minha querida confreira Ida Lima. E ainda, do Beijo de Pestana, o trecho: “Se levante, homem, que o hotel de Rodela fechou as portas. Vá, caminha! Ainda vamos lá em Campina Grande. E eu lhe pergunto ‘ô mãe, e o Zé Pinheiro não é Campina Grande? Porque a senhora e o pessoal da Cachoeira, e muita gente aqui diz vou pra Campina Grande como se fosse um outro canto. E não é o mesmo canto?’ É sim, vital, responde a mãe. Zé Pinheiro é muito Campina Grande, mas a gente é esquecido. ‘Ah, mãe, não vejo isso, não’. Você ainda é menino, um dia vai entender”. E agora, Senhores Vereadores, há muito o que fazer contra isso que ainda perdura contra o negro, contra o LGBT, contra o pobre, contra a fala, contra quem é contra. Essa Casa tem como ajeitar isso, Vereador Olimpio. Essa Casa já entende isso. A minha literatura é a minha referência inicial. No livro Condado de Brevard, que conta uma aventura em terras estadunidenses, Campina Grande é citada como ninho, aconchego, como ponto de sair e voltar, como destino. De lá eu trouxe as comparações, para lá levei a cantiga de João Gonçalves, trouxe o campinense vencendo os Los Angeles Lakers. Trouxe metáforas e saudades. Ali eu representava o meu universo e fé, a força e a qualidade do homem e da mulher campinense. Eu trouxe a hombridade que nos faz tão autênticos, trouxe a simplicidade que nos faz tão iguais e, sobretudo, trouxe a paixão que temos pela terra, pelo chão, pelo canto da gente. Trouxe para levar. E, graças a uma categoria chamada “professor”, caminhamos longe. Levamos para o oco do mundo. Eu era, por lá, um tropeiro. Que nem Thélío Farias, os ranchos e aguados do tempo de agora pelo mundo Rosil e pelo mundo Asfora. Não trouxe fantasia. Não contei uma terra que queria ou sonhava. Eu contei uma terra que existe e um povo que escutava Genival Lacerda e Cassiano. Um povo que deve, paga, bebe, come, é real e está perto. Trouxe as ruas do Catolé, de Bodocongó, de Zé Pinheiro, de Major Veneziano. Eu trouxe o Sítio São João do amigo e confrade João Dantas em sua essência. Não é Efigênio Moura, nem são os sonhos literários do meu pai que estão nos bredos, Sargento. São os seus vizinhos, Vereador Olimpio, os seus vizinhos que à noite conversam nas calçadas de Santo André. É o nosso jeito, é o nosso São João, o nosso jejum na Semana Santa, a nossa umbuzada, o nosso arroz de festa, é Cassi Jones, é Bartim da Raiz, é Netinho e isso me dá uma alegria da gota serena. Gostaria de citar alguns nomes próprios. Como a... Como Paula Adriana Medeiros Moura, esposa mãe de dois meus. Veio um dia lá das bandas de Pernambuco buscar a felicidade em Campina Grande. Pra a sorte dela eu estava acolá de passagem, ali primeiro pelo Orkut, depois pelo Açude Novo e pá! - Pedra de Santo Antônio testemunhando o nosso destino. Dezoito anos depois, cá estamos, dentro de uma vida catolaica e zepiana, fiados um no outro, como se a fé tivesse nos bordados assim, juntos. A minha parada definitiva em Campina Grande foi por ela, Paula Adriana Moura. Se hoje sou escritor, é mode que ela botou dez tons de gasolina naquela Veraneio de 71, total flex de Seu Agripino. Foi ela quem deu corda pra eu mandar aquele povo de volta pro Cariri. Foi ela quem fez o percurso comigo, dizendo que era possível, sim, terminar aquela viagem, que, na



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

verdade, para nós dois estava começando. Paula Adriana, que puxa assunto com meus personagens, que se intriga com eles como se fosse gente viva. É ela que me deu a chuva e os trovões, me deu a seca e os pés de pau descabelado, me empurrou rio abaixo, daquele rio nasce, que desce da Serra do Jabitacá pra criar o Oceano Atlântico. Foi o curisco e esse relampejo que ela trouxe que me fez rejeitar o sobejo de vida que eu achava que tinha. E, ao seu lado, chegaram 16 filhos, um deles ainda fiote. Foi Paula Adriana que me prendeu de vez aqui em Campina Grande, que me mostrou que a vida campinense só teria sentido se fosse ao lado dela. E nem gratidão eu sou. Eu sou é todo paixão. Sou, talvez, destino. Sou promessa cumprida. Contar histórias, mantendo o cenário que vivemos, não é obrigação, é lembrança. O não real, ele não se constitui fuga ou saudade. Ele vira memória a partir do instante que é espalhado. Nós temos obrigação com a nossa terra. Por mais que voamos, pousaremos sempre no lugar de onde viemos, feito um casal de rolinha, feito Bentevi, feito cantiga, cantada e tocada por Bastinho Calixto, Tom Oliveira e Rangel Junior e Capilé. Outro nome próprio: Irece Eloy Moura, mãe, primeira professora, professora de sempre, mãe que dá carinho, bronca, que olha e não entende, e que, quando entende, diz o que sente, e assim dando pitacos, continua a ensinar a gente. Aquilo que escrevo, eu vejo como homenagem aos antepassados. Aquele homem e mulher que possibilitou tu que estás aqui, trajando Vereador, Vereadora, vestindo linho, calçando sandálias e sapatos que brilham mais que espinhaço de pão doce. Pra vocês estarem aqui, alguém lhe deu condição para que estudasse, alguém cuidou, alguém trabalha por você. Aos nossos pais, avós, bisavós, aos nossos antanhos, a minha reverência e agradecimento. Um falar meu, como admities, é que nem eu dizer deles, e sendo assim um falar meu nunca será errado, um falar teu nunca será estranho. É somente um copo d'água, Olimpio, de uma ancoretta que veio no lombo de um burro lá do açude de pipa do pau caído na sua antiga Santo André. Um nome muito próprio: José Maria Duarte Moura. Entre outros ensinamentos, mostrou que o sabor da terra do terreiro da gente é diferenciado, é único, é feito “imbigo”, é feito leite na cancela do curral. Quando aprendi que é preciso crescer dentro de casa pra ser robusto lá fora, tem que se entender o limite da calçada. Vencer calçamentos, rodagens, conhecer a si mesmo e tornar-se amigo íntimo dos seus medos, e depois, junto a ele, tomar um caldo de cana com um pastel de vento ali, no mercado da Prata. Outro nome próprio: Campina Grande. Eu não consigo, Carla, compreender Campina Grande sem a sua arte, sem as facetas de Indaiá, Maroca e Poroca, sem Astier Basílio, Braulio Tavares e Ivanildo e Iponax Vila Nova, sem a Tarde de Domingo com Joselito Lucena, sem a Difusora do Gaúcho. Campina Grande não teria graça pra mim sem as façanhas do aristocrático pelos campos do Brasil, pelo hexa, pelo tantas vezes campeão, pelo título que colocou de vez Campina Grande na maior prateleira do futebol nordestino. Campina Grande nem terra nenhuma acontece num livro só, a apurada de contos começa em Monteiro e passa esparramando pelas ruas e fuxicos de Campina Grande, feito canjica quente numa tigela colorex transparente e que de falta de cor se vira amarelinha feito uma craibeira em viço, feito um pé de cuscuz que de tão importante nasceu no dia de São José. Em Campina Grande nasceram dois



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

meus, Andrelly Maria e Teo Medeiros Moura, irmã e filho. Do livro “Carolina” eu trago a seguinte citação: “o vaqueiro é bicho destemido, o vaqueiro é construído a partir daquilo que mais se tem no Cariri, pedra, poeira, pereira e poesia. Cada vaqueiro é um compositor, um fazedor de toada criada ali na hora, sem cartilha, sem escola, só a lida e só a vida”. O falar de Campina Grande é que nem aboio de vaqueiro, ecoa longe sem pedir licença ao vento, é canto que se molda na Feira Central, feira que nunca dorme. Quem é daqui aprende cedo que cada palavra tem um peso, um compasso, uma cadência própria, porque Campina não se descreve, Campina se pulsa no peito. O que se fala aqui nunca é errado, porque é raiz que brota de dentro como um mandacaru que não pede licença pra florir no seco. Quantos poemas, mesmo sem espiar pra cima, a gente não faz, não é? A gente não recebe, não é? Quando todos os dias nosso Senhor Jesus Cristo nos dá oportunidade de ver o céu do Mirante, de espiar as conversas na calçada do Quarenta e quantos fogões de lenha de Santa Teresinha não se cozinhou bolos de sentimentos? Enveredar pelo caminho da escrita, a intenção nunca foi ser grande, foi ser imenso como é cada um de vocês. Com gigantismo de ensinar, de aprender, mas ensinar mais ainda, feito um água que o rio nos dá a goles, feito o canto das rezadeiras, feito o galho das bezendeiras e aquele oceano que eu imaginava ser o Açude de Bodocongó, onde eu me via dando canga-pé e pinotes. Senhores e Senhoras, o escritor vê isso todo santo dia. Escrever o que se sabe sem saber como é lhe dá a oportunidade de conhecer mais. Sabe aquela estrada que vai por dentro, longe do comum, por onde os carros são atrevidos e as motos ficam se enxerindo, tirando fino, quase ralando na gente? E o burrinho com dois caçuás passa caçoando o motorista da Hilux? Sabe como é? Pois é. Aqui é um retrato de uma estrada de Catolé de Zé Ferreira. E é assim. E é. É porque escrever como se fala é, antes de tudo, um respeito a quem produziu a fala. E eu sou assim. E por ser assim estou aqui, escolhido por vocês. Pronto. É isso. Uma vida que se escreve com nomes próprios. Nomes: Márcia Andréia. José Eugênio. Andrelly Maria. Irmãos de alma, de couro e sangue, de partilhas e parcerias. Irmãos de saudade e riso, das ventas chorosas se encontrando. Irmão que deram fruto e, desde o começo, foram encostos um do outro. São os punhos que sustentam a rede, carregadores de caçuás e, dentro deles, Henriques, Cantalice e Malta Ribeiro. Pareia dos vossos próprios nomes. Mais nomes próprios: Amália, Duarte Neto, Teo, Diogo, Isac. Sabe aquela conversa de... De plantar uma árvore, escrever um livro e ter filhos? “Apoi”. Esses cinco nomes próprios são um tutano do que já foi escrito. Meus filhos e neto. Vocês não têm noção do quanto me direcionam nas histórias desse sertão valente, onde a poeira não dá trégua, mas nós não buscamos água, buscamos no oco do mundo. E, por vocês, eu vivo caçando o pé de cacimba para encher as ancoretas que despejam no oco do mundo. Toda vez que vocês diziam que gostavam do que eu fazia, era que nem uma colherada cheia de Biotônico Fontoura me dando substância para cavar outra cacimba. E, quando eu vi que vocês bebiam daquela água que minava, eu ficava todo ancho e todo penso de felicidade. Agora, na Câmara Municipal da minha cidade, o nome próprio do povo de Campina Grande, eu me desenho um gratidão. Numa vida borborema, que é uma fragância de sabonete phebo no armarinho lá do



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

Quarenta, ou de um balcão de bodega no Monte Santo ou na Liberdade. Mestre Benjamin, certa vez, falou que, em uma placa pregada numa parede de uma casa no Jardim Paulistano, onde se lia “prega-se botão, ensina-se a falar carioca”. Da mesma forma, da mesma forma que ele franziu a testa, eu caí em riso, mode que eu não queria saber carioca, eu queria mesmo era ser campinense de todas as formas e cores rubro-negras, de cantar as cantigas que fala que pantera é maior do que você. E isso, pra mim, Vereador Olimpio, é um racha no campo enladeiraado ao lado de outro campo de nome próprio, “O Amigão” cheio de Cangulas, Edivaldos, Elinhos, Joãozinho Paulistas, Portos, Suelios e Hulks. Agora, nesse momento, me sinto vocês, filho desta terra. E, sendo vocês, vendo a mim, me desenho iguais a cada nascente. Obrigado a vocês por entender que a literatura campinense é tão forte que, mesmo antes de Elpídio de Almeida, de Rômulo Araújo e Ronaldo Cunha Lima, ela já se enfeitava de ufanismo. Agradecer a Academia de Letras de Campina Grande, a cada confrade, confreira, a cada amigo, pedir que esta Casa - sim, esta Casa, olhe mais para as letras que saem de acolá, que coloquem a Academia dentro dos editais de literatura, que leve a Academia para as salas de aula, que realize concursos em parceria com a nossa Academia para alunos da rede pública sobre temas locais, que nos dê casa, que arreganje as bilas do zói e veja o quanto tem de importância a Flic, a nossa Feira Literária Internacional. Agradecer a maçonaria instalada em Campina Grande, a cada irmão, a cada entregar, as duas potências instaladas aqui. Agradecer a Associação Campinense de Imprensa e a Imprensa Campinense. Agradeço e compartilho esse título com cada professor que entendeu que a literatura feita em Campina Grande precisa estar em sala de aula, que temos conteúdo, temos muita coisa pra contar. Agradeço a cada aluno que entendeu a proposta ou simplesmente se encantou e acreditou que podemos nós mesmos, cada professor, que quis que os alunos entendesse. Agradeço a construtora Portomar que sempre entendeu que nenhuma modernidade se cria sozinha e que a tradição e respeito a ela é base, é alicerce. Eu tenho por obrigação de alma agradecer a Walter Farias, Walter Farias Jr., Wagner Farias, Robson Gouveia e Lincoln Dantas, pela companhia, pela estrada, pelo possibilitar da Veraneio total flex de Seu Agripino continuar rodando nas rodagens dessa Paraíba “réa” de guerra. Obrigado ao Vereador Olimpio, que sendo... Que sendo conhecedor da minha obra, me deu essa condição de ser mais campinense. Ao compadre Vinícius, filho de uma terra que me fez crescer e que tem um sobrenome grudado na história de homem e uma mulher que fizeram o Cariri ser muito grande, Val e Mocinha. Obrigado ao meu compadre e pariceiro Fred Ozanan, o homem de riscos incalculáveis e gentileza maior que ele próprio e responsável direto por essa noite que virou nome próprio. Agradeço aos diretores das escolas que sempre foram e serão professores. Obrigado pelo empenho de abrir bibliotecas. Escancare-as! Eu vejo em cada um deles, professores principalmente, caçuás cheios, esborrotando de saber campinense, ávidos para manterem a fome... Matarem a fome de aprendizado que se aparecem aos montes de saber paraibano. Agora, nessa data em que intero 60 anos, e sendo oficialmente um filho desta terra e vendo a mim, enxergo a felicidade e sorte de nascer novamente na terra dos antigos Tropeiros



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

da Borborema. Agradeço a Deus, que sempre é o primeiro, aos pais que me fizeram caririzeiro, aos filhos que nunca serão derradeiros, a minha esposa pelo caminho certo. Eu devo continuar vivendo e escrevendo. Mode que, para a literatura campinense, o caçuá nunca ficará cheio. Viva Campina Grande, para sempre seja Deus louvado! Muito obrigado!

(reprodução de música)

O SR PRESIDENTE PASTOR LUCIANO BRENO: A gente ficaria aqui por um bom tempo escutando, não é, Doutor Olimpio? Pois é, é uma riqueza muito grande, viu? Mais uma vez, eu queria lhe parabenizar, parabenizar a Fred. Agradecer a presença de todos vocês, é... Dizer que essa Casa sempre terá um olhar para a cultura, ela sempre terá um olhar para aquilo que de fato a cidade anseia. Então, mais uma vez, parabéns ao homenageado, duplo parabéns, parabéns pela data do seu aniversário e na data do seu aniversário ele nasce de novo como cidadão campinense e isso ele vai ficar marcado, tenho certeza, pela eternidade. Então, nós encerramos a presente Sessão, queremos agradecer a todos, convidar o homenageado e os vereadores e todos aqui presentes para que a gente pudesse tirar, e aí eu vou falar na linguagem do escritor: “um retrato”, tirar um retrato aqui para que a gente pudesse também eternizar esse momento através da fotografia. Então, muito obrigado e que Deus nos abençoe.

JAILMA FERREIRA

Secretária SAP

(ASSINADO O ORIGINAL)